



VACINAÇÃO CANINA E A PREVENÇÃO DA RAIVA HUMANA: REVISÃO DE LITERATURA

Fabiola Gonçalves Gomes de Lacerda^{1*}, Yasmin Porto Prates¹, Josimá de Almeida Costa¹ e Gustavo Fernandes Grillo².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato:lacerdafabiola18@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Bom Despacho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O vírus da raiva, um *Lyssavirus*, que pertence à família Rhabdoviridae, possui um genoma de cadeia linear de RNA negativo. O seu virião possui um nucleocápsideo helicoidal e envelope lipídico revestido exteriormente por espigões¹. A raiva é uma doença infecciosa aguda e fatal, causada por este vírus, que se alastra pelo sistema nervoso central e se encontra em grandes concentrações nas glândulas salivares. A infecção natural é consequência da mordedura de um animal raivoso. A gravidade da infecção está ligada a vários fatores, como a virulência da saliva, a extensão e profundidade da ferida e os principais sinais clínicos são: hipertermia leve, mal-estar geral, cefaleia, anorexia, dor de garganta, náuseas, irritabilidade, entorpecimento e inquietude, com duração média de 2 a 10 dias. O controle da raiva é efetuado essencialmente através da profilaxia sanitária e varia consoante a região do mundo e os hospedeiros reservatórios. A raiva humana e a ocorrência de transmissão animal são de notificação compulsória^{2,3}.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Ministério da Saúde visa realizar a vacinação de cães e gatos no Brasil, bem como profissionais que apresentam risco de contaminação, como estratégia de saúde pública do Sistema Único de Saúde (SUS) para reduzir os casos de contaminação e redução da frequência de casos. Apesar disso, ainda há ocorrência de casos tanto em humanos como em animais^{3,4,5}.

A raiva está presente em mais de 150 países e aproximadamente 59 mil pessoas atingidas por essa doença infecciosa morrem a cada ano, em todo o mundo, principalmente na Ásia e na África⁶. Nos últimos 5 anos houve aumento dos casos notificados de raiva humana e animal, sendo confirmado até mesmo óbito no país^{2,7}.

O objetivo do estudo é prevenir a raiva transmitida por cães, focando na conscientização e na educação, reduzindo o risco de raiva humana.

METODOLOGIA

Foi analisado o conteúdo das informações coletadas, verificando-se se atende aos critérios de inclusão, em seguida, todas as informações relacionadas ao tema da doença foram lidas com atenção. No presente estudo, foi aplicada uma amostragem não probabilística, intencional ou por conveniência, pois somente foram incluídos todos os artigos que atenderem aos critérios de inclusão. As palavras-chave utilizadas foram: raiva; infecção; humana; saúde; prevenir; estudo.

RESUMO DE TEMA

No período de 2010 a 2022 até o momento, foram registrados 45 casos de raiva humana no Brasil. Nove desses casos foram transmitidos por cães, 24 por morcegos, quatro por primatas não humanos, 2 por raposas, 5 por felinos e em um deles não foi possível realizar a identificação do animal. No ano de 2022 já foram confirmados 5 óbitos no país até o momento².

Apenas em 2 casos registrados no país houve a cura do paciente, todos os demais evoluíram para óbito. Por ter quase 100% de letalidade, uma das principais medidas profiláticas é a prevenção por vacinação, de forma pré ou pós-expositiva ao agente agressor².

Em 1973 foi criado o Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR), que implantou, entre outras ações, a vacinação antirrábica canina e felina no território nacional. A partir disso, houve um decréscimo significativo nos casos de raiva nesses animais e, com isso, permitiu um controle da raiva urbana no país. O Brasil evoluiu de forma positiva, saindo de 1,2 mil cães positivos para raiva no ano 1999 para 11 casos de raiva canina no ano de 2020, sendo que todos os animais foram identificados com variantes de animais silvestres^{2,8}.

Portanto, apesar de ser extremamente perigosa, a prevenção da raiva é bastante simples: a vacinação. Com uma taxa de proteção muito próxima a 100%, ela é a melhor forma de manter o vírus longe do animal. Geralmente, a primeira dose é administrada ao pet entre os 3 e os 5 meses de vida. Depois, a imunização deve ser reforçada anualmente, de acordo com a orientação do veterinário. Cabe ao proprietário notificar

imediatamente ao Serviço Veterinário Oficial a suspeita. O conhecimento de determinantes econômico-sociais de ocorrência, manutenção e evolução da raiva é de fundamental importância, tanto para esclarecer seu comportamento epidêmico como para estabelecer medidas mais eficazes para o seu controle nas regiões endêmicas^{2,8,9,10}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vacina antirrábica é obrigatória para cães. Cachorros devem receber a primeira dose aos 6 meses de idade, ou de acordo com a recomendação do médico veterinário responsável. Geralmente é ministrada uma semana após a primeira dose da óctupla e o reforço deve ocorrer anualmente. A vacina antirrábica é essencial para manter o animal protegido contra essa terrível doença. A vacinação anual de cães e gatos é eficiente para a prevenção da raiva nesses animais e, por consequência, também é uma medida auxiliar de prevenção à raiva humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Situação epidemiológica. Raiva Humana [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2018 [citado 2018 out 08]. Disponível em: <http://portalsms.saude.gov.br/saude-de-a-z/raiva/situacao-epidemiologica> [Acesso em 09/2022].
2. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). Vacinação anual de cães e gatos também previne a raiva humana; entenda os sintomas da doença. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/vacinacao-anual-de-caes-e-gatos-tambem-previne-a-raiva-humana-entenda-os-sintomas-da-doenca> [Acesso em 09/2022].
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância em Saúde: Volume Único. 3. ed. Brasília: MS, 2019.
4. OLIVEIRA, V. M. R. et al. Mordedura canina e atendimento antirrábico humano em Minas Gerais Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia. 64: 891-98, 2012.
5. MOUTINHO, F. F. B.; NASCIMENTO, E. R. D.; PAIXÃO, R. L. Rabies in the State of Rio de Janeiro, Brazil: analysis of surveillance and control actions in the municipal field Ciencia & saude coletiva. 20: 577-586, 2015.
6. WADA, M. Y.; ROCHA, S. M.; MAIA-ELKHOURY, A. N. S. Situação da raiva no Brasil, 2000 a 2009. Epidemiol Serv Saúde [Internet]. 20(4): 509-18, 2011.
7. MANSUR, RAFAELA; GIRUNDI, DANILO. Gato encontrado morto em BH testa positivo para raiva; caso é o 1º registrado em felinos em 36 anos. G1 Minas, Belo Horizonte, 31 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/31/parque-lagoa-do-nado-e-fechado-por-suspeita-de-caso-de-raiva-e-pbh-reforca-vacinacao-de-animais.ghtml> [Acesso 08/2022].
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação. 3. ed. Brasília, DF: MS, 2014. 252 p.
9. TAMURA, H. C. F. Diagnóstico da raiva: estudo comparativo entre a efetividade dos testes de cultivo celular e inoculação viral em camundongos. São Paulo: UNESP, 2017. 21 p.
10. BABBONI, SELENE DANIELA; MODOLO, JOSÉ RAFAEL. Evolução das campanhas de vacinação anual contra a raiva de cães e gatos em municípios como atividade extensionista. In: Congresso de extensão universitária da UNESP. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2015. p. 1-4.